

Se há um livro que indiscutivelmente impactou e continua a impactar a vida de incontáveis pessoas ao redor do mundo, esse livro é a Bíblia. E a presente obra que o leitor tem em mãos fala sobre ele. Nela, seu autor, Paulo Won, oferece-nos uma importante contribuição aos estudos da Bibliologia. Em seu texto, Won, com muita habilidade, passa em revista alguns dos principais temas introdutórios referentes ao estudo do livro sagrado, tais como a formação do cânon, as línguas originais, o mundo das Escrituras, o período intertestamentário e as várias divisões dos escritos bíblicos, entre outros. Em suma, a linguagem acessível e fluída, a estrutura bem elaborada, a seriedade dispensada ao conteúdo abordado e a relevante pesquisa produzida tornam imprescindíveis a leitura e o estudo diligentes deste livro.

*Carlos Augusto Vailatti*

Doutor em Estudos Judaicos pela USP, Bacharel e Mestre em Teologia

---

Em sala de aula, o seu olhar atento e suas perguntas sempre relevantes me chamaram a atenção. Sua paixão pelos estudos bíblicos, o interesse pela Igreja e a disposição da “cavar a fundo” cada tema encorajavam a todos. Percebi que estava diante de um mestre. Quando o momento chegou, Paulo Won se juntou a nós na equipe docente. Não apenas confirmou minha percepção como superou minhas expectativas ao se revelar um excelente mestre. Neste livro, você poderá confirmar o que estou dizendo. Seu texto é preciso, articulado, muito bem informado e inspirador. Em *E Deus falou na língua dos homens: uma introdução à Bíblia* temos mais do que uma excelente obra — temos a confirmação de uma vocação.

*Ziel J. O. Machado*

Vice-reitor do Seminário Teológico Servo de Cristo, São Paulo

---

Sabe aquele camarada que você busca quando tem dúvidas sobre a interpretação de determinado texto bíblico? Pois o Paulo

Copyright © 2020 por Paulo Won

Todos os direitos desta publicação são reservados por Vida Melhor Editora Ltda.

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seus autores e colaboradores diretos, não refletindo necessariamente a posição da Thomas Nelson Brasil, da HarperCollins Christian Publishing ou de sua equipe editorial.

PUBLISHER *Samuel Coto*  
EDITORES *André Lodos Tangerino e Bruna Gomes*  
PRODUÇÃO EDITORIAL *Daila Fanny*  
PREPARAÇÃO *Bruno da Hora*  
REVISÃO *Davi Freitas e Jean Xavier*  
DIAGRAMAÇÃO *Joede Bezerra*  
CAPA *Rafael Brum da Hora*  
CONVERSÃO PARA EPUB *SCALT Soluções Editoriais*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, Campo Grande/MS)

---

W851d Won, Paulo

1.ed. E Deus falou na língua dos homens: uma introdução à bíblia / Paulo Won. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.

ISBN: 9786556890838

1. Teologia. 2. Bíblia – estudo. 3. Referências. I. Título.

8-2020/75

CDD 230

CDU 2-43

---

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Teologia: referências

2. Bíblia: estudo

**Bibliotecária responsável:** Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Thomas Nelson Brasil é uma marca licenciada à Vida Melhor Editora Ltda.

Todos os direitos reservados à Vida Melhor Editora Ltda.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 – Centro

Rio de Janeiro, RJ – CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

[www.thomasnelson.com.br](http://www.thomasnelson.com.br)

Dedico esta obra à minha amada esposa, Juliana — היפה בנשים (Cantares 1:8) — pelo seu amor perene e também por compreender as horas que estive ausente do sofá da sala, trabalhando em meu escritório para que esse livro se tornasse realidade (espero que a ausência produza frutos na vida dos nossos leitores!). Aos meus filhos Theo, Nathan e Christian — אשרי הגבר אשר — מלא את־אשפתו מהם (Salmos 127:5) — pelos quais oro para que, um dia, leiam esse livro e conheçam melhor o Deus a quem seu pai adora e serve.



# SUMÁRIO

Apresentação

Prefácio

Introdução

## PARTE 1

### PROLEGÔMENOS

1. Bíblia: afinal, que livro é esse?
2. Os cânones do Antigo e Novo Testamentos
3. E Deus falou na língua dos homens

## PARTE 2

### O MUNDO DO ANTIGO TESTAMENTO

4. A Bíblia Hebraica no contexto do Antigo Oriente Próximo
5. Torá: a instrução do povo de Deus
6. Os Profetas: a intervenção no povo de Deus
7. Os Escritos: a arte do povo de Deus

## PARTE 3

### INTERLÚDIO

8. Quatrocentos anos de silêncio? A página não tão branca entre o AT e o NT

## PARTE 4

### O MUNDO DO NOVO TESTAMENTO

9. O Novo Testamento e o seu contexto greco-romano
10. Evangelhos sinóticos: um problema que é a solução
11. Os gentios em foco no livro de Atos
12. Cartas: o gênero literário predominante do Novo Testamento
13. Vi novos céus e nova terra: o Apocalipse de João em seu contexto

Epílogo: superando a dificuldade de ler a Bíblia

Bibliografia



# APRESENTAÇÃO

**E**m 2020 as conexões virtuais foram essenciais no anúncio das boas-novas. Devido ao isolamento social em decorrência do COVID-19, igrejas se viram obrigadas a levar suas atividades para a internet. Os ministérios ficaram online! Alguns líderes religiosos se adaptaram rapidamente, aprenderam a fazer *lives*, a transmitir o culto ao vivo, a fazer reuniões e discipulados em salas virtuais e por meio de muito áudio no WhatsApp e no Telegram. Outros, infelizmente, até o momento em que escrevo essas linhas, estão perdidos sem saber como ter uma boa presença na internet. Suas congregações só não acabaram de vez porque os cultos presenciais voltaram a acontecer com restrições de distanciamento e proteção.

Mesmo com a retomada gradual das atividades presenciais, muitas igrejas não irão parar com a produção de conteúdo online. Descobriram esse campo missionário, e irão até os confins da web! Nós do Bibotalk nos alegramos muito com isso, afinal, desde 2011 estamos nessa missão. Somos um ministério paraeclesialístico totalmente online. Já produzimos mais de 400 podcasts com temática bíblico-teológica, e temos mais de 7 milhões de downloads. Acreditamos que o ministério virtual tem implicações bem reais. A materialização dos ensinamentos na vida de milhares de crentes é palpável.

Aliás, alguns pensadores já estão afirmando que a distinção entre o real e o virtual não existe mais de certa forma. Com a popularização dos smartphones e do 4G (e o 5G chegando!), a maioria de nós está sempre online. Logo, não existe mais o entrar na internet. Afinal, raramente estamos offline. Nesse sentido, encontros presenciais e online se misturam cada vez mais.

Foi a conexão virtual que possibilitou o meu relacionamento com Paulo Won. Foi tão real e verdadeiro que, quando nos encontramos no mesmo espaço físico, não houve estranhamento (da minha parte, pelo menos), pois nos conhecíamos de certa forma. Trabalhávamos juntos na produção de conteúdo digital, e o diálogo sempre foi constante. Por isso, quando soube que ele tinha um projeto de livro em mente, incentivei-o a materializar esse

livro. Vamos entregar aos nossos ouvintes uma cópia física desse conteúdo digital.

Foi grande a alegria quando, mais uma vez, a Thomas Nelson Brasil acreditou no ministério Bibotalk e encarou esse projeto literário que nasceu como aulas de seminário, passou em partes pelo podcast e, agora, chega completo a suas mãos, querido leitor. Mais uma vez o virtual e real se misturaram.

Paulo escreve com clareza e destreza. Vai no ponto e nos entrega um material introdutório rico e até diferenciado sobre a origem da Bíblia. Gostei do recorte e dos temas que ele escolheu para nos ensinar como Deus falou na língua dos homens.

A propósito, permitam-me uma analogia: a Bíblia é uma materialização do virtual para o real. Se, antes, as palavras de Javé estavam “na nuvem” e de lá eram acessadas pelos profetas e servos de Deus, chegou um momento em que ela foi cravada no material e distribuída entre os povos, na pedra ou no papiro, no couro ou na seda. Ela é a materialização da vontade de Deus, antes só disponível no mundo espiritual.

Tenho certeza de que Paulo será um ótimo guia nessa jornada. Já sentimos isso nos podcasts, quando, em cada programa, entendíamos um pouco mais todo esse processo de materialização e organização da voz de Deus em meio ao seu povo.

Rodrigo Bibó de Aquino  
Diretor e criador do Bibotalk  
*Maio de 2020*





# PREFÁCIO

**P**ara um professor com certa experiência de sala de aula, não é tarefa difícil perceber o tipo de estudante que demonstra vocação para o ensino. E essa foi uma das primeiras percepções deste professor em relação ao querido estudante, e agora colega, Paulo Won. Sede insaciável por aprender, interesse por aprofundar os assuntos trabalhados em aula juntamente com uma clara fascinação pelo texto da Bíblia nas línguas originais — esses foram alguns dos elementos sinalizadores que apontavam nessa direção.

Uns bons anos depois dos primeiros contatos em sala de aula, no Seminário Teológico Servo de Cristo, e em conversas informais sobre temas bíblico-teológicos, aqui estou, desfrutando a grata e imensa satisfação de prefaciá-la primeira obra de cunho teológico do pastor e professor Paulo Won: *E Deus falou na língua dos homens*. Digo “primeira” pela constatação, óbvia a todos que lerem o livro, que certamente ainda outras virão. E serão resultado de pesquisa e estudos sérios e diligentes na área de exegese e teologia bíblicas; ambas as áreas que representam uma grande lacuna de conhecimento no contexto brasileiro, especialmente de material desenvolvido por autores nacionais.

Paulo Won oferece uma excelente introdução à Bíblia, e ela servirá muito bem ao estudante interessado em conhecer melhor o texto e o contexto bíblicos, tanto do Antigo como do Novo Testamento. As informações apresentadas em cada parte constituem não somente o mínimo necessário para a compreensão essencial dos livros bíblicos, mas também um importante ponto de partida para quem se dispõe a ir mais longe, como o próprio Paulo Won indicava nos tempos de aluno de seminário. As quatro partes que compõem a obra estão recheadas de informação relevante e indicações de leitura e pesquisa suplementar em cada assunto importante tratado. Destaco, de maneira especial, a terceira parte do livro, que aborda o período chamado de interbíblico, na qual os aspectos formativos do contexto do Novo Testamento são desenvolvidos. Paulo Won faz uma excelente apresentação desse período que constitui a ligação fundamental do Antigo Testamento

com o Novo — algo nem sempre presente nas introduções à Bíblia.

Tenho certeza de que, além do uso para estudo pessoal, este livro terá como destino certo as salas de aulas em seminários e faculdades de teologia em seus cursos de introdução à Bíblia. Como se não bastasse o conteúdo rico e informativo apresentado na obra, a quantidade de notas e referências bibliográficas servirá de importante impulso para estudantes que ensejam voos mais ousados em termos de pesquisa e estudos mais aprofundados da Palavra de Deus.

Por fim, cabe ainda destacar que o livro *E Deus falou na língua dos homens* é publicado no ano em que a casa de formação de Paulo Won, o Seminário Teológico Servo de Cristo, completa 30 anos de existência e serviço à comunidade cristã em São Paulo e no Brasil. Nada mais oportuno, portanto, que parte da celebração desse marco seja a publicação de um livro como este por um notável fruto desse ministério.

Querido Paulo, que Deus continue a abençoá-lo, a você e sua família, a fim de que permaneça canal de bênção na preparação e no aperfeiçoamento de homens e mulheres que servem a Cristo em nosso Brasil.

Estevan F. Kirschner  
PhD London School of Theology  
Agosto de 2020



# INTRODUÇÃO

**T**odo livro começa a ser escrito em um dado momento (contexto) na vida do seu autor. Em meio a um amontoado de tarefas familiares, ministeriais e virtuais (meu canal no YouTube, *podcast*, cursos online etc.) — e neste exato momento vivendo na maior pandemia pela qual o mundo moderno já passou, a crise sanitária do COVID-19 — este livro “finalmente” nasceu. Muitas vezes, manuscritos não são escritos inicialmente com a finalidade de se transformarem em livros. É o caso deste livro. Os textos que compõe a presente obra foram preparados originalmente como guias para as aulas do curso “O mundo do Antigo Testamento”, “O mundo do Novo Testamento” e “Introdução ao enredo bíblico”, as quais tenho ministrado no Seminário Servo de Cristo, em São Paulo, por alguns anos.

Em 2016, eu havia acabado de retornar ao Brasil, tendo concluído o mestrado em Estudos Bíblicos na Universidade de Edimburgo, e logo fui generosamente convidado para ministrar essa disciplina no seminário onde havia me formado. Não queria, porém, oferecer uma simples aula de panorama bíblico, na qual, durante 16 aulas, o professor estaria diante dos alunos apresentando os aspectos introdutórios de cada livro das Escrituras. Tinha a convicção de que, tratando-se de um seminário teológico, eu precisava oferecer um subsídio mais robusto para que o aluno recém-chegado ao mundo da teologia pudesse entender, afinal, que livro era a Bíblia.

A ideia do livro foi ganhando forma a partir de 2019, quando conheci o amigo Rodrigo “Bibo” de Aquino e entrei definitivamente para a equipe do BTCast. Posteriormente, criei o meu próprio *podcast*: o “COM TEXTO, o seu *podcast* de exegese bíblica”. No BTCast gravamos vários episódios da série *A Bíblia: e Deus falou na língua dos homens*, nos quais pudemos conversar e lapidar os conceitos que estruturam esse livro. Este livro também é tema de uma brevíssima sequência de dois de episódios do COM TEXTO maravilhosamente apresentados pelo meu companheiro de jornada acadêmica e *host-pro-tempore* Victor Fontana. Você pode acessar o conteúdo desses *podcasts* em [bibotalk.com](http://bibotalk.com).

O livro foi escrito com o objetivo de atingir tanto o público acadêmico como o leigo. Fui detalhista nas notas de rodapé, não para ser prolixo, mas para apontar o caminho de ouro do conhecimento àqueles que eventualmente quiserem se aprofundar nos assuntos abordados nesta obra. Tentei trazer o máximo de literatura atualizada, ou seja, uma bibliografia prioritariamente produzida no mundo anglo-saxão, com a preocupação de oferecer a você, leitor, o estado da arte de hoje dos assuntos que exploro. A minha oração é que muitas das obras citadas neste livro sejam traduzidas e publicadas em nosso contexto de língua portuguesa.

No processo de redação final desta obra, por diversas vezes veio à minha mente questões como: “Mas está faltando isso”; ou “Não toquei em tal assunto”. Pois bem, este livro não tem como meta versar sobre todos os aspectos introdutórios da Bíblia. O nosso alvo é mais singelo: por meio de recortes, estudos de caso e análises contextuais direcionadas, desejamos que o leitor possa primeiramente ter acesso a um conhecimento novo ou complementar, a partir de fontes novas ou de conhecimento prévio. Em segundo lugar, queremos instigar no leitor a curiosidade de explorar mais adentro esse fascinante mundo do *backstage* bíblico. Dizem que o contexto é tudo. Posso afirmar que o contexto nos ajuda a compreender melhor a riqueza da Palavra de Deus. Conhecendo melhor a Bíblia, amamos mais a Deus. É isso!

Entretanto, esse espaço inicial serve, além de expressar agradecimentos ou explicar o porquê do livro, deixar claro os pressupostos teológicos que sigo. Leio e estudo a Bíblia como cristão protestante de confessionalidade reformada, calvinista e presbiteriana. Leio crendo que o texto bíblico é a revelação especial de Deus para a humanidade. Parto do pressuposto básico de que a Bíblia é a Palavra de Deus, inerrante, a única regra de fé e de prática. A Bíblia não é mero objeto de estudo dessa obra: trata-se de sua razão de ser. Também parto do fato que nem a minha e nem qualquer outra confissão de fé tratam de forma exaustiva, ou até detida, dos aspectos introdutórios da Bíblia. É essa lacuna que também almejo suprir.

Ao longo das páginas desta obra, convido o leitor a embarcar numa máquina do tempo e desvendar épocas e lugares nos quais os

eventos bíblicos aconteceram. Como em um grande teatro — aliás, essa é a perfeita definição de Calvino sobre o drama da redenção — convido você a deter o seu olhar não apenas no que está sendo encenado ou na história que está sendo narrada. Detenha seus olhos no cenário. Observe o palco, a iluminação, o fundo musical. Não fossem esses elementos de *backstage*, com certeza, o que fosse performado sobre o palco perderia seu sentido e seu brilho.

O título desse livro, *E Deus falou na língua dos homens*, foi cuidadosamente pensado para que pudesse trazer ao leitor a ideia central do livro, fugindo do clichê “Introdução à Bíblia” que colocamos como subtítulo. De fato, o título desta obra é a expressão de um dos maiores milagres da providência divina: revelar-se ao ser humano. Entretanto, essa revelação não foi feita de qualquer maneira. Foi algo cuidadosamente planejado desde os tempos eternos por Deus, para revelar a pessoa de seu Filho Jesus Cristo. Como bem afirmou Eusébio de Cesareia, mais de 1700 anos atrás, “Nenhuma língua é capaz de expressar a eternidade, o valor, o ser e a natureza de Cristo”.<sup>1</sup> Nenhuma expressão de linguagem, nenhum ser humano (γένους, *genous*) poderá representar a exata dimensão da majestade de Cristo. Entretanto, aprovou Deus falar a nossa língua, usar-se dos nossos contextos, com a finalidade de comunicar sua perfeita mensagem. E Deus fez isso de forma eminentemente narrativa. É o que Bartholomew e Goheen chamam de “O drama das Escrituras”.<sup>2</sup>

Ainda em relação ao título, a utilização da conjunção “e” precedendo o sujeito “Deus” é uma forma de aludir ao recurso linguístico por excelência da narrativa hebraica, o *wayyiqtol*. A minha empreitada aqui é mostrar, ainda que de forma resumida, como Deus acomodou sua palavra para que o ser humano pudesse entendê-lo e, por meio dela, pudesse ter um encontro pactual e redentivo com o Deus, Pai de Jesus Cristo.

Dividi o livro em quatro partes. Na primeira, eu exploro os aspectos mais básicos da Bíblia, tratando o texto sagrado como um livro mesmo. As perguntas fundamentais que respondo são: que livro é esse? Como nós chegamos ao número de livros que temos hoje na Bíblia? E, por fim, como esse texto tão antigo veio parar em nossas mãos. Na segunda parte, lido especificamente com a Bíblia

Hebraica ou, como também é chamada, Antigo Testamento. Tomei cuidado para que essa seção mostrasse que a Escritura judaica é uma literatura primariamente para o povo judaico. Na terceira parte, exploro a lacuna histórica mais retumbante da Bíblia Sagrada: o período interbíblico. Finalmente, na quarta parte, falo do Novo Testamento, abordando questões semelhantes às tratadas na segunda parte.

Este livro não poderia existir sem a ajuda de algumas pessoas. Quero agradecer primeiramente ao meu amigo Bibó que, sem pestanejar, sugeriu que o manuscrito fosse enviado à Thomas Nelson Brasil para publicação (pensa em um homem cheio de contatos!). Lembro que eu estava com o Bibó, conversando dentro do carro no calor de Cuiabá, quando essa ideia surgiu. Na sequência, não posso deixar de expressar minha gratidão também ao meu editor, André Lodos (que tem assumido a dianteira para trazer conteúdos quentes do Tom Wright para o Brasil), e o *publisher* Samuel Coto (fã apaixonado de Tolkien), que não somente leram meu projeto, mas também ficaram entusiasmados com a publicação desta obra. O processo de revisão e edição foram muito enriquecedores para mim, um autor, por ora, principiante!

Agradeço àqueles a quem considero grandes modelos e mentores na jornada teológica e que direta e indiretamente fazem parte deste livro. Louvo a Deus pela vida do Dr. Estevam Kirschner, meu (*didaskalos*), de quem tenho a honra de ter o prefácio e de quem aprendi toda a base do grego bíblico. O mais importante é que ele ensina até hoje como viver o caráter de um verdadeiro cristão. Lembranças especiais à direção do Servo de Cristo, na pessoa do querido Ziel Machado e Eliane Ho, que “apostaram” em mim, correndo o “risco” de me chamar para ministrar várias disciplinas (como eu amo o Servo de Cristo!). Por fim, expressei meu carinho ao amigo Dr. Bernardo Cho, em cuja casa vivi os primeiros quarenta dias em Edimburgo e de quem aprendo todos os dias a ser um acadêmico *sharp*!

Não posso deixar de agradecer a toda a Igreja Presbiteriana de Cuiabá, nas pessoas do Rev. Marcos Serjo e do meu amigo de longa data Rev. Anderson Farias. Embora o desenho inicial desta obra tenha sido concebido em São Paulo, foi na terra boa — e quente! —



da capital do Mato Grosso, cidade que já adotei como a *minha* cidade, que dei forma final ao livro. Sem o acolhimento exponencial dos membros da nossa igreja, talvez este livro não teria condições de ser escrito.

Por fim, quero agradecer principalmente à minha família: meu avô Hyun (*in memoriam*), meu grande mentor como cristão; meus pais (Paulo-pai e In), de quem aprendo todos os dias o que é um amor sacrificial.

“Àquele que é poderoso para impedi-los de cair e para apresentá-los diante da sua glória sem mácula e com grande alegria, ao único Deus, nosso Salvador, sejam glória, majestade, poder e autoridade; mediante Jesus Cristo, nosso Senhor, antes de todos os tempos, agora e para todo o sempre! Amém” (Judas 24,25).

Paulo Won  
Cuiabá  
*Pentecostes de 2020*

---

1 CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*, I.2.2 citado por TRUSDALE, Al (org.). *Heróis da Igreja: Grandes nomes da história do cristianismo*. Vol. 2. São Paulo: Mundo Cristão, 2020, p. 13.

2 BARTHOLOMEW, Craig G. e GOHEEN, Michael W. *O drama das Escrituras: encontrado o nosso lugar na história bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2017.

Copyrighted image

Copyrighted image



# 1. BÍBLIA: AFINAL, QUE LIVRO É ESSE?

A palavra está bem próxima de  
vocês; está em sua boca e em seu  
coração; por isso vocês poderão  
obedecer-lhe.

**Deuteronômio 30:14**

ker (1926-2020), teólogo anglicano inglês, afirmou que o  
que adoramos é um *Deus que fala*.<sup>3</sup> A própria Bíblia  
já deixa essa verdade explícita a partir das suas  
linhas: “No princípio Deus criou os céus e a terra. Era a  
terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o  
Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Disse Deus: ‘Haja  
luz’, e houve luz” (Gênesis 1:1-3). Nesse sentido, Deus é revelado  
nas Escrituras como o Deus verdadeiro por causa da sua capacidade  
comunicativa. Isso também se torna evidente na comparação que o  
salmista faz entre Yahweh, o Deus de Israel, e os ídolos pagãos em  
Salmos 115:1-8:

Não a nós, YAHWEH, nenhuma glória para nós,  
mas sim ao teu nome, por teu amor e por tua fidelidade!  
Por que perguntam as nações: “Onde está o Deus deles?”  
O nosso Deus está nos céus, e pode fazer tudo o que lhe  
agrada.

Os ídolos deles, de prata e ouro, são feitos por mãos humanas.

*Têm boca, mas não podem falar,  
olhos, mas não podem ver;  
têm ouvidos, mas não podem ouvir,  
nariz, mas não podem sentir cheiro;  
têm mãos, mas nada podem apalpar,  
pés, mas não podem andar;*

*e não emitem som algum com a garganta.*

Tornem-se como eles aqueles que os fazem e todos os que  
neles confiam.<sup>4</sup>

Além de dizer que os ídolos são produtos das mãos humanas — e, por isso, é um *nonsense* adorá-los —, o primeiro e mais importante fator elencado como característica de um *pseudodeus* é que este *não pode se comunicar com seu devoto*. Portanto, um deus que não fala é uma fraude.<sup>5</sup> Não se trata de uma simples afirmação dogmática. É a constatação mais elementar que Israel sempre teve em relação ao seu Deus. Em um antropomorfismo típico das revelações do divino nas narrativas bíblicas, Yahweh tem boca para falar e garganta para emitir som com a finalidade de se comunicar com seu povo — além de olhos para ver, ouvidos para ouvir, nariz para cheirar, mãos para apalpar e pés para andar, características que demonstram o ser pessoal de Yahweh. Decorrente disso, o próprio relacionamento de Deus com o seu povo é baseado na qualidade comunicativa divina, uma vez que, de acordo com Palmer, “Deus *fala* para estabelecer sua aliança”.<sup>6</sup>

Quando fala, de forma geral, Yahweh o faz de maneira que os seres humanos possam entender o que está sendo transmitido. Por mais que isso pareça simples e óbvio, notamos que o ato comunicativo de Deus, ao se acomodar às limitações humanas, revela a graça de trazer o conhecimento de si mesmo — uma revelação cujo teor está infinitamente acima da capacidade do entendimento humano — de forma inteligível (cf. Deuteronômio 30:14). Os desígnios eternos de Deus são descortinados a seres humanos mergulhados em limitações, que vão desde a sua própria capacidade cognitiva até elementos fora dele, como o fator tempo, os contextos social, histórico e político, entre outros. É nesse sentido que Herman Bavinck (1854-1921), teólogo holandês reformado, diz: “Palavra e ato, dimensão religiosa e dimensão histórica, aquilo que foi falado por Deus e aquilo que foi falado por seres humanos estão tão entrelaçados e entranhados que a separação é impossível. As partes históricas da Escritura também são uma revelação de Deus”.<sup>7</sup> A revelação divina foi comunicada à humanidade numa linguagem acessível, de forma inteligível, apoiada em elementos históricos e contextuais com os quais as pessoas estavam habituadas. O registro dessa graça comunicativa foi feito na Bíblia Sagrada, o livro dos cristãos.

## PARA COMEÇO DE CONVERSA, PRIMEIRO AS PERGUNTAS!

De acordo com o *Guinness World Records*, há pouca dúvida de que a Bíblia Sagrada é o maior *best-seller* de todos os tempos. É impossível chegar a um número preciso, mas, de acordo com um levantamento da Sociedade Bíblica Britânica, a quantidade de cópias produzidas de 1815 a 1975 situa-se entre 2,5 a 5 bilhões de volumes.<sup>8</sup> Diante desses números, podemos fazer as seguintes perguntas: Afinal, a Bíblia é ou não é um livro de ficção? Ela contém fatos reais ou mitos? Ou, para ser mais conciliador: É um livro que mistura eventualmente essas duas dimensões? Que tipo de literatura é a Bíblia Sagrada? Que livro é esse que foi capaz de atingir essa marca inigualável? Como o ajuntamento de documentos antiquíssimos, escritos em várias épocas, por diversas pessoas e dentro de vários contextos históricos, sociais e econômicos conseguiu romper as fronteiras do judaísmo, estabelecendo-se como a obra mais traduzida de todos os tempos? Como a Bíblia Sagrada alcançou todo o mundo ao longo de pelo menos dois milênios, sendo traduzida para mais de 350 línguas e dialetos?

Quando criança, eu colecionava os gibis da Turma da Mônica. Eu os tinha em número considerável, e passava horas a fio do meu dia lendo e relendo aquelas historinhas. Depois de muito tempo, e já adulto, fui ler os gibis da mesma Turma da Mônica, só que escritos recentemente. Embora os desenhos fossem os mesmos, e a maneira característica de cada personagem falar e agir não tenha mudado — o Cebolinha continua trocando o “r” por “l” — percebi que as histórias incorporaram elementos que há vinte ou trinta anos não estavam disponíveis em nosso mundo: celular, *tablet*, computador, internet etc. Isso aponta para o seguinte fato: qualquer obra literária que se preze incorpora elementos do tempo e do contexto dentro dos quais foi escrita.

Ao lermos a Bíblia, é possível notar elementos dentro do seu extenso texto que não pertencem em absoluto aos nossos tempos modernos. Também pudera, o texto mais “recente” da Bíblia é o livro de Apocalipse, que foi escrito há pouco mais de 1.900 anos. Considerando tudo isso, podemos elencar mais questionamentos:

Quais são os atores principais e os secundários do enredo bíblico? Será que encontramos evidências externas à Bíblia dos fatos por ela narrados?

## DESIGNAÇÃO CORRETA DO LIVRO

Há duas formas intercambiáveis de denominar o livro sagrado. A primeira é a mais usual: a *Bíblia*.<sup>9</sup> O termo *bíblia* é uma apropriação que a língua portuguesa fez do substantivo grego *biblion* (βιβλίον).<sup>10</sup> Essa palavra ocorre 34 vezes no Novo Testamento<sup>11</sup> e significa, primariamente, um documento escrito que pode ser um livro ou um pergaminho, um bilhete etc.

Alternativamente, podemos chamar a Bíblia de *Escritura*,<sup>12</sup> termo esse que vem do latim *scriptura* (cuja forma grega é *γραφῆ*, *graphē*). De acordo com Chapman, esse termo diz respeito aos “escritos que são considerados autoritativos”,<sup>13</sup> em outras palavras, são considerados revelados e inspirados por Deus. Em 2Timóteo 3:16, o apóstolo Paulo se refere ao conjunto de escritos sagrados do judaísmo — o que os cristãos chamarão posteriormente de Antigo Testamento — como tal: “Toda a Escritura (*γραφῆ*) é inspirada por Deus e útil para nos ensinar o que é verdadeiro e para nos fazer perceber o que não está em ordem em nossa vida” (NVT). Diferente de um sentido mais genérico que temos na palavra “Bíblia”, o termo “Escritura” já transmite o seu sentido e a sua relevância religiosa para, inicialmente, os judeus (Bíblia Hebraica), e, posteriormente, para todos os cristãos (Novo Testamento). Entretanto, no uso comum, *Bíblia* e *Escritura*, acompanhados do qualificativo *sagrado*, possuem um sentido sinônimo e são usados de forma intercambiável.

## ANTES DE A BÍBLIA SER UM LIVRO

Muito antes de termos a Bíblia Sagrada em nossas mãos como um livro editado e bem-acabado, o conteúdo da Palavra de Deus passou por diversas formas de transmissão, a saber, a *transmissão oral* e a *transmissão escrita*. Esses dois aspectos são importantes por nos mostrarem o desenvolvimento comunicacional da revelação



divina em termos humanos. Talvez muitos cristãos e até não cristãos tenham a ideia de que a Bíblia, em sua forma final, caiu do céu como produto de milagre divino. Muito pelo contrário. As Escrituras que temos em mãos são produto direto não apenas do ato revelativo de Deus, mas também da própria história do registro humano que começa, na sua forma mais primitiva, por meio da transmissão oral, e se desenvolve em formas gráficas, com a invenção de signos, em diversas partes do mundo antigo: a escrita.

### **A transmissão oral**

A Bíblia nem sempre esteve em um formato de livro. Aliás, no começo dos fatos geradores da história bíblica não havia registro físico de informação ou conteúdo. De acordo com Miller e Huber,

No princípio, não havia a palavra escrita. Havia somente uma palavra falada, e, conforme registrado posteriormente no livro de Gênesis, Deus criou o universo falando palavra no vazio. Os primeiros adoradores de Deus não podiam escrever os pensamentos sobre Deus ou as suas experiências com ele, mas podiam falar a respeito dele e, isso, eles fizeram. Muito antes de terem inventado o seu próprio sistema linguístico, e mesmo depois de sua invenção, os hebreus contavam e recontavam suas histórias, muitas das quais foram posteriormente registradas na Bíblia.<sup>14</sup>

A primeira maneira de transmissão das histórias — por exemplo, da criação do mundo, dos patriarcas, do chamado de Israel — foi por meio da *transmissão oral*. Foi sobre essa forma de comunicação que se construiu a forma inicial, e que nada mais é do que o antigo costume consolidado de contar histórias e narrativas para repassar os relatos de pessoa a pessoa, de geração a geração. O próprio texto bíblico dá testemunho dessa prática: “Com nossos próprios ouvidos ouvimos, ó Deus; os nossos antepassados nos contaram os feitos que realizastes no tempo deles, nos dias da antiguidade” (Salmos 44:1).

A tradição oral não foi restrita aos judeus. Os povos do Antigo Oriente Próximo (AOP) já contavam as suas histórias e as transmitiam às gerações seguintes. As antigas histórias da criação

do universo foram transmitidas por meio oral e posteriormente transformadas em textos, ou poemas, como é o caso da *Epopéia de Gilgamesh* ou do mito acadiano da criação *Enuma Elish* (ca. 1750 a.C.). Com certeza, dentro do contexto israelense, todas as grandes histórias dos heróis da fé e as instruções da Lei estavam na memória das pessoas. Estas passaram todas as informações às gerações posteriores, a princípio, por meio da transmissão oral. A própria Torá nos mostra como a prática de comunicação oral era corriqueira e ordenada pelo próprio Deus: “Ensinem-nas a seus filhos. Conversem a respeito delas quando estiverem em casa e quando estiverem caminhando, quando se deitarem e quando se levantarem” (Deuteronômio 11:19, NVT).

Copyrighted image

Tabuleta V da Epopeia de Gilgamesh (escrita cuneiforme), datada do antigo período babilônico, 2003-1595 a.C. Museu Sulaymaniyah, Sulaymaniyah, Iraque [© Osama Shukir Muhammed Amin/Wikimedia Commons].

Entretanto, essa transmissão não está restrita apenas ao Antigo Testamento, ou seja, a uma época em que a escrita não havia sido

inventada. A forma inicial de transmissão da mensagem do evangelho — estamos falando já do Novo Testamento — também foi a oralidade. Quando Jesus ensinou seus discípulos, ou quando Pedro pregou no dia de Pentecostes, seria impossível que um secretário estivesse registrando em um pedaço de papel tudo o que estava acontecendo e sendo dito (ao estilo das antigas notas taquigráficas). O Evangelho de Marcos (o primeiro a ser escrito na década de 50), por exemplo, nasceu basicamente por meio do relato oral transmitido pelas testemunhas oculares de Jesus aos escritores. Explicitando o caso de Marcos, o historiador da igreja Eusébio de Cesareia (265-339) cita o testemunho de Papias de Hierápolis (70-163) sobre a redação desse Evangelho, tendo por base o testemunho direto do apóstolo Pedro.<sup>15</sup> Nesse sentido, vale a pena nos atentarmos para a observação de Richard Bauckham:

Os evangelhos foram escritos dentro da memória viva dos acontecimentos que eles narraram. O evangelho de Marcos foi escrito bem dentro do período de vida de muitas das testemunhas oculares, ao passo que os outros três evangelhos canônicos foram escritos no período em que as testemunhas oculares viventes estavam se tornando escassas, exatamente no período de tempo em que o testemunho delas pereceria com elas se não fosse colocado por escrito.<sup>16</sup>

Portanto, não seria um exagero afirmar que a Palavra de Deus já existia muito antes de a sua mensagem ser registrada em forma escrita, que muito mais tarde tomaria o formato de um livro, o qual é o nosso livro de regra de fé e prática.

### **A transmissão escrita**

A Bíblia, na forma em que a conhecemos, é basicamente um livro único e coeso. Mas isso significa dizer que Jesus, ao ir para a sinagoga todos os sábados, levava debaixo de seu braço uma cópia do Antigo Testamento? Quando Paulo instruiu Timóteo acerca da divina inspiração da Escritura, teria o apóstolo em mente um livro exatamente igual ao que você tem em suas mãos hoje? A resposta é não. Diferente do Alcorão, cuja tradição islâmica afirma ter sido revelado a Maomé ao longo de um período de 23 anos,<sup>17</sup> a Bíblia,

por sua vez, foi escrita por cerca de 40 pessoas em um intervalo de quase dois milênios. Ademais, os estudiosos consideram que a Bíblia levou cerca de mil anos para ganhar sua forma atual com ambos os Testamentos completos.

Como as primeiras páginas da Bíblia foram escritas? O maior risco que há no processo de transmissão oral é a própria limitação humana em se lembrar daquilo que lhe foi transmitido, e, logo, comunicar eficazmente a outrem a mensagem recebida. Ainda que a capacidade dos antigos em memorizar textos e reproduzi-los com fidelidade seja muito maior do a nossa, que vivemos no século XXI, sempre há um risco de inconsistência. O desenvolvimento da escrita há mais de 5 mil anos, na Suméria, possibilitou o registro gráfico daquilo que antes habitava apenas na mente das pessoas. A escrita tornou-se o meio mais prático para que as informações pudessem ser transmitidas de geração em geração de forma fidedigna, precisa e consistente. De acordo com Miller e Huber,

Enquanto os hebreus passavam a sua cultura adiante de boca em boca, os primeiros sistemas de escrita do mundo estavam entrando em uso. Na Mesopotâmia, onde Abraão recebeu o chamado do Senhor, um tipo de escrita chamada cuneiforme estava sendo usada. No Egito, onde os descendentes de Jacó trabalhavam como escravos, estavam em uso os hieróglifos.<sup>18</sup>

Diz uma antiga lenda judaica que, antes de Deus ter criado o mundo, ele formou a língua hebraica. Mas as coisas não aconteceram exatamente assim. As diferentes escritas passaram por um processo de desenvolvimento que se confunde com a própria história dos povos que as desenvolveram. O registro bíblico, pelo menos no Antigo Testamento, foi-se transformando e tomando diversas formas e tipos. Em primeiro lugar, temos a *escrita cuneiforme*. Tal forma gráfica faz referência a alguns tipos de escrita feitos com o auxílio de objetos em formato de cunha, geralmente pedaços roliços de madeira cortados em “V” em sua extremidade, usados para cunhar sinais gráficos em superfícies macias como argila e argamassa. Essa é considerada por muitos estudiosos um dos primeiros códigos escritos da humanidade, tendo sido inventada pelos sumérios aproximadamente em 3500

a.C. Os pictogramas foram ao longo do tempo sendo simplificados e combinados uns com os outros para expressar sentidos de palavras e ideias completas. A peça literária mais relevante nessa forma de escrita foi a *Epopéia de Gilgamesh*, preservada em 12 placas de argila e que contém, entre outros, o mito de um dilúvio e de um homem que construiu uma arca para sobreviver à catástrofe.

Já a *escrita hieroglífica* foi utilizada prioritariamente pelos egípcios, que a usaram como sistema gráfico por muitos milênios. Essa forma de escrita foi desenvolvida em um período muito próximo ao desenvolvimento da escrita cuneiforme na Mesopotâmia. Diferente dos escritos cunhados, os hieróglifos eram símbolos desenhados e entalhados em pedra. Entretanto, devido à riqueza do sistema pictográfico, ele foi finalmente decifrado por Jean-François Champollion (1790 — 1832) só em 1822. Isso foi possível porque na *estela* — coluna ou placa de pedra em que os antigos faziam inscrições, para fins de registro histórico ou para funerais — utilizada estavam escritos três textos iguais em hieróglifo, grego e demótico. A comparação dessas três línguas possibilitou a codificação final do sistema gráfico dos egípcios.

Copyrighted image



Estela de Merneptá (ca. 1200 a.C.) e, em destaque, a frase: “Israel, povo estrangeiro”. Museu Egípcio, Cairo, Egito [© Wellcome Images/Wikimedia Commons].

Podemos constatar o desenvolvimento da transmissão escrita dentro da própria Bíblia. Quando a narrativa avança de Gênesis para Êxodo, vemos que a questão do registro e da transmissão escrita vai ganhando destaque. Em Êxodo, por exemplo, encontramos a primeira menção do registro gráfico de algo considerado como Palavra de Deus. Na verdade, o próprio Deus fez isso, ou seja, ele mesmo escreveu os seus mandamentos nas duas tábuas de pedra: “E, tendo acabado de falar com ele no Monte Sinai, deu a Moisés as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus” (Êxodo 31:18, ARA). Posteriormente, Deus ordenou que o conteúdo da Lei fosse escrito, preservado e transmitido como tal (Deuteronômio 31:9-13).

Entre as formas primitivas em que se escreveram os textos bíblicos está o *papiro*.<sup>19</sup> O papiro era uma folha feita de fibras de uma planta aquática (*Cyperus papyrus*) que nasce às margens do rio Nilo, no Egito, e em algumas regiões da Galileia. Essas fibras eram entrelaçadas, prensadas e secas de modo a formar uma superfície favorável ao registro gráfico. A própria palavra de origem grega *biblion* (βιβλίον) que dizer, entre outras coisas, papiro. O texto bíblico também faz menção do uso desse tipo de material para a escrita: “No quarto ano do reinado de Jeoaquim, filho de Josias, rei de Judá, o SENHOR dirigiu esta palavra a Jeremias: ‘Pegue um rolo [χαρτίον βιβλίου, *chartion bibliou*] e escreva nele todas as palavras que falarei” (Jeremias 38:18 [43:18, LXX]). Mais adiante, é relatado que Baruque, cooperador do profeta Jeremias, escreveu a mensagem do profeta endereçada ao rei Jeoaquim em um rolo de papiro, que depois foi cortado e queimado pelo rei (cf. Jeremias 36:23): “Ele ditou todas essas palavras, e eu as escrevi com tinta no rolo [ἐν βιβλίῳ, *en biblio*]” (Jeremias 36:18 [43:18, LXX]).

Copyrighted image

Folha de papiro em branco. The Metropolitan Museum of Art, Nova York, EUA [© Metropolitan Museum of Art/ Wikimedia Commons].

Posteriormente, outros materiais foram usados para o registro bíblico. As folhas de papiro eram materiais bons para a escrita, no entanto, deterioravam-se com facilidade. Então, na busca por um material durável, desenvolveu-se o uso do *pergaminho* (μεμβράνα, *membrana*), que consiste na escrita sobre folhas feitas de couro animal tratado (ovelha, bode etc.). Os mais importantes

manuscritos bíblicos escritos a partir do século IV e a maioria dos textos que compõem a coleção dos Manuscritos do Mar Morto foram escritos em pergaminhos, cujos textos e fragmentos são mantidos até hoje em um bom estado de conservação. O apóstolo Paulo conhecia o uso do pergaminho, pois tal qual registrado em 2Timóteo 4:13, ele solicita que lhe sejam trazidos “os livros, especialmente os *pergaminhos*” (τὰ βιβλία μάλιστα τὰς μεμβράνας, *ta biblia malista tas membranas*).

O livro, tal como conhecemos hoje, foi desenvolvido por volta do século II, quando folhas de papiro foram encadernadas para o uso dentro das igrejas.<sup>20</sup> Já a partir do século IV ou V esses mesmos códices começaram a ser produzidos utilizando-se o pergaminho, um material muito mais durável e resistente ao manuseio. O *Codex sinaiticus* (séculos IV-V), por exemplo, foi a primeira Bíblia em pergaminho completa, com Antigo e Novo Testamentos (e mais a adição de alguns apócrifos) encadernados em formato de códice.<sup>21</sup>

Copyrighted image

Códice Sinaítico [século IV ou V],  
contendo o trecho de Mateus 3:7–4:9 [©  
The Codex Sinaiticus Project].

Quais são as vantagens da comunicação *escrita* da Palavra de Deus? De acordo com Ward, são três.<sup>22</sup> Primeiramente, temos a questão da *transmissão*. Por mais que levemos em consideração que as sociedades do Oriente Próximo priorizavam a transmissão oral de seus costumes e tradições, não podemos negar que esse tipo de



comunicação possui um risco inerente: a inexatidão da informação original transmitida ao longo do tempo. É como se brincássemos de telefone-sem-fio. Por mais que eu me atente ao conteúdo daquilo que ouço, não há garantias de que transmitirei fielmente a outrem o que fora falado no início. Nesse sentido, a forma escrita garante a transmissão e a preservação mais precisa do conteúdo revelado originalmente.

Em segundo lugar, temos a oportunidade para *examinarmos, de maneira repetida, um mesmo texto*. Esse ponto é facilmente atestado no estudo e na leitura da Bíblia. Não se espera de um estudante sério das Escrituras que tenha uma compreensão holística e detalhada do conteúdo bíblico com uma única e simples leitura. O faro teológico é desenvolvido à medida que um mesmo texto é lido e relido. Esse exame repetido só se torna possível quando o conteúdo a qual estamos recorrendo não muda, ou seja, está registrado em forma escrita.

Por fim, temos a questão da *acessibilidade*, possibilitada pelo texto bíblico impresso. Já imaginou dependermos apenas da transmissão oral de conhecimento para termos acesso à mensagem bíblica? Como já discutimos, essa realidade bateu à porta da igreja primitiva à medida que os apóstolos e as testemunhas oculares morriam. O processo da escrita da revelação divina, além de possibilitar a preservação da mensagem apostólica original, permitiu também que cada vez mais pessoas tivessem acesso a essas informações de forma confiável.

Os três fatores apresentados anteriormente resumem bem a ideia do motivo pelo qual Deus, na sua soberania, dirigiu a história da transmissão de sua própria revelação a fim de que ela se tornasse, em primeiro lugar, textos escritos e, posteriormente, um livro contendo toda a Palavra de Deus ao ser humano. Wayne Grudem afirma: “É mais proveitoso para nós estudar as palavras de Deus escritas na Bíblia. É a Palavra escrita de Deus que ele nos ordena estudar”.<sup>23</sup>

## **A BÍBLIA COMO LIVRO COMPOSTO DE LIVROS**

A Bíblia é um livro e, como tal, é uma obra literária. Nas mãos

do leitor, talvez ela seja um livro semelhante a qualquer outro que se encontre em uma biblioteca. Contudo, basta abri-la e folhear algumas páginas para descobrir que a divisão desse livro é peculiar. Diferente das obras literárias “normais”, divididas em capítulos, por exemplo, a Bíblia é dividida em livros, divisão essa que o próprio texto bíblico atesta: *lei* de Moisés como um bloco, ou seja, a Torá (por exemplo, em 2Reis 14:6); *livro* de Moisés (Marcos 12:26); *livro* das palavras do profeta Isaías (Lucas 3:4; cf. 4:17); *livro* dos profetas (Atos 7:42); *livro* dos salmos (Atos 1:20); *Evangelho* de João como uma obra literária (cf. João 20:30); *Evangelho* de Lucas como o primeiro volume de uma obra literária maior (cf. Atos 1:1 e Lucas 1:1-4) etc.

A Bíblia é composta de vários tipos de documentos produzidos em diversos estilos da linguagem escrita. Nós chamaremos esses estilos de *gêneros literários*. Gênero literário é uma categoria de composição de texto cuja classificação pode ser feita de acordo com critérios semânticos, sintáticos, fonológicos, formais, contextuais e outros. É muito fácil constatar esse fato na Bíblia: temos, por um lado, textos narrativos como a história de Davi e Golias em 1Samuel 17:1-58; por outro, temos também livros como o de Eclesiastes, que apresenta uma redação, um arranjo de ideias e um tom bem diferente dos textos narrativos e prosaicos por se tratar de uma coletânea sapiencial.

A Bíblia também é organizada de maneira teológica, ou seja, tendo como critério a compreensão humana da ação de Deus na sua revelação especial-redentiva.<sup>24</sup> No plano de análise macro, ela é dividida em Antigo Testamento e Novo Testamento. O Antigo Testamento é também chamado de *Bíblia Hebraica* por ser a Escritura dos judeus, escrito majoritariamente na língua hebraica. O conjunto completo Antigo e Novo Testamentos compõe a Escritura Sagrada dos cristãos. De fato, dentro dessa divisão teológica, existem várias outras subdivisões que diferem em metodologia e de acordo com a tradição cristã em questão. De acordo com Zilonka e Gorman,

Juntar os livros da Bíblia entre duas capas de um livro faz com que eles estejam disponíveis a nós todos ao mesmo tempo.

Mesmo que eles tenham muita coisa em comum, não podemos esquecer que cada livro tem a sua própria história do desenvolvimento e sua própria perspectiva peculiar. A despeito de várias amarras literárias entre elas, a maioria dos livros da Bíblia é relativamente independente um do outro, como os livros que estão em qualquer biblioteca.<sup>25</sup>

Não é, portanto, um exagero afirmar que a Bíblia é, em si, uma biblioteca. Uma biblioteca não é simplesmente um lugar em que um amontoado de livros é guardado. Quando percorremos os corredores formados por estantes cheias de livros, podemos perceber que há uma organização racional dividida por temas, autores, títulos e, muitas vezes, até gêneros literários. Se existe um lugar em que a organização é tudo, esse lugar é a biblioteca. Agora, seria interessante o leitor fazer um simples exercício: vá para o índice da sua Bíblia. Corra os olhos pela lista dos 66 livros (conforme a tradição protestante). Note que os livros estão agrupados de forma organizada. Os livros do Antigo Testamento não se misturam com os do Novo. Gênesis vem sempre primeiro que Apocalipse.

No Novo Testamento, os escritos apostólicos passaram a ter o mesmo valor dos ensinamentos orais apostólicos. Assim, foram aceitos pelos cristãos, inicialmente espalhados pelo mundo mediterrâneo, junto com os textos da Bíblia Hebraica. Ao fim do processo canônico, já no fim do século V, os escritos de ambos os Testamentos foram aceitos definitivamente como inspirados. Ward conclui dizendo: “Nosso único acesso às palavras que o Pai entregou aos profetas e a seu Filho, e às palavras que Cristo transmitiu a seus primeiros discípulos, se dá, de modo geral, pela Bíblia”.<sup>26</sup>

### **Antigo Testamento**

O *discurso oral* é a forma predominante por meio da qual Yahweh se comunicava com o seu povo. Nos estágios iniciais — abundantemente no Pentateuco e em Josué — Yahweh expressava sua vontade através de *discurso direto*. É isso que podemos ver, por exemplo, na primeira vez em que Deus dirigiu-se ao ser humano

criado: “Então Deus os abençoou (ויברך, *waybārek*) e lhes disse (ויאמר, *wayyō`mer*):<sup>27</sup> ‘Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo o animal que se move sobre a terra’” (Gênesis 1:28, ARC).

No decorrer do desenvolvimento histórico do Antigo Testamento, Yahweh escolheu para si mensageiros (profetas) que passaram a ter como tarefa principal transmitir fielmente sua vontade a Israel, ou àqueles a quem ele queria se dirigir (por exemplo, aos pagãos). Nesse sentido, Moisés é considerado o mais importante deles. Aliás, Deuteronômio 34:10-12 faz questão de deixar claro a função profética de Moisés junto ao povo de Israel:

Em Israel nunca mais se levantou profeta (נביא, *nābiy`*; *προφήτης*, *prophētēs* [LXX]) como Moisés, a quem o SENHOR conheceu face a face, e que fez todos aqueles sinais e maravilhas que o SENHOR o tinha enviado para fazer no Egito, contra o faraó, contra todos os seus servos e contra toda a sua terra. Pois ninguém jamais mostrou tamanho poder como Moisés nem executou os feitos temíveis que Moisés realizou aos olhos de todo o Israel.

A partir de Moisés, a figura dos profetas ganhou cada vez mais espaço no processo de revelação da vontade de Yahweh para o seu povo. De acordo com Ward, “À medida que o Antigo Testamento se desenrola, uma forma de falar divino ganha proeminência: Deus fala, por meio de seus profetas escolhidos, com palavras que eles proferem em línguas humanas comuns”.<sup>28</sup> Deus falava aos profetas por meio de discurso direto, e os profetas, por sua vez, transmitiam a mensagem divina ao restante do povo de forma indireta. Essa forma de comunicação indireta fica clara, por exemplo, no comissionamento do profeta Jeremias: “Mas o SENHOR me disse: Não digas: Eu sou um menino; porque a todos a quem eu te enviar, irás; e tudo quanto te mandar, falarás” (Jeremias 1:7, ARA). A forma mais característica de o profeta expressar a origem divina de seus oráculos passou a ser a declaração (fórmula declaratória, ou chamada fórmula do mensageiro) “Assim diz Yahweh”.<sup>29</sup>

Para os judeus, apenas o Antigo Testamento é considerado Escritura Sagrada. A Bíblia Hebraica é dividida dentro dessa tradição em três partes: a *Instrução* ou *Tradição* (תורה, *torāh*), os *Profetas* (נביאים, *nəbî'im*) e os *Escritos* (כתובים, *kəṭûbim*).<sup>30</sup> Baseado nessa divisão tripartite, a Bíblia Hebraica também é chamada pelo acrônimo *Tanakh* (תנ"ך, acróstico das primeiras letras dos nomes das divisões do Antigo Testamento em hebraico).<sup>31</sup>

Depois do retorno dos judeus do exílio babilônico já sob o domínio do Império Medo-Persa, Filipe II da Macedônia e Alexandre, o Grande, expandiram as fronteiras do Império Greco-Macedônico e posteriormente derrotaram os persas, impondo seu domínio sobre todo o Oriente Próximo. Nessa expansão, o aramaico deixou de ser a língua franca, dando lugar ao grego. Foi dentro desse contexto histórico que a Bíblia Hebraica foi pela primeira vez traduzida para um vernáculo, ou seja, para o grego. Comumente chamamos essa tradução de Septuaginta (LXX), uma denominação mais geral em relação às várias traduções gregas surgidas em grandes comunidades judaicas da diáspora, como em Alexandria, nos séculos II e III a.C.<sup>32</sup>

Colocando em perspectiva a época de Jesus, encontramos a seguinte situação: os judeus, em sua maioria, não falavam mais o hebraico como língua corrente. Agora, a língua falada era o grego no seu dialeto comum (κοινή, *koinē*), embora dentro dos círculos da elite religiosa o hebraico ainda fosse utilizado para fins litúrgicos e literários. Então, com o passar do tempo, desde a tradução da Septuaginta, a escritura oficial dos judeus passou a ser, em muitos lugares, a Bíblia Hebraica em sua versão grega. É a essa tradução, ou tradição de tradução, que Jesus e os apóstolos recorrem na maioria das vezes para citar textos veterotestamentários. Segundo Zilonka e Gorman, posteriormente, “A igreja cristã nasceu com uma Bíblia em seu berço — a saber, a Septuaginta grega”.<sup>33</sup>

### **Novo Testamento**

O Novo Testamento, à semelhança do Antigo, começa com uma intensa rede de comunicação de mensagens divinas: anjos são enviados como portadores de desígnios específicos de Deus para anunciar o nascimento de Jesus. O próprio Deus fala quando Jesus

está sendo batizado e no monte da Transfiguração. Entretanto, o elemento *novo* dentro do Novo Testamento é a própria pessoa de Jesus. O apóstolo João, diferente dos demais evangelistas, situa Jesus presente desde o “princípio” como sendo o próprio Verbo de Deus (“aquele que é a Palavra”): “No princípio era o verbo [λόγος, *logos*], e o verbo estava com Deus, e o verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele nada do que foi feito se fez” (João 1:1-3, ARA). Ao identificar Jesus como o Verbo, João não estava se referindo prioritariamente ao conceito filosófico de *logos*, presente nos clássicos gregos, mas sim relacionando Jesus ao conceito hebraico da Palavra de Deus (דְבַר יְהוָה, *dēbar yhwēh*).<sup>34</sup> Assim, o elemento novo do Novo Testamento é a própria Palavra do Deus encarnado, que veio ao mundo — de forma direta e pessoal (cf. João 1:14) — para anunciar *tête-à-tête* à própria humanidade a mensagem definitiva para a salvação do ser humano.

Entretanto, os discursos de Jesus não são a única forma de o divino se comunicar no Novo Testamento. Depois de morrer, ressuscitar e ascender aos céus, Jesus enviou ao mundo os seus agentes previamente comissionados (os apóstolos) para levar adiante sua mensagem. Nesse sentido, os apóstolos estão para o Novo Testamento como os profetas estão para o Antigo. Em termos de estrutura geral, o Novo Testamento pode ser dividido em três partes: 1) *Evangelium*, ou seja, o quaternário dos Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João); 2) *Paulinium*, composto pelas treze cartas atribuídas ao apóstolo Paulo (Romanos, 1 e 2Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2Tessalonicenses, 1 e 2Timóteo, Tito e Filemom); e, por fim, o *Apostolos* (Atos dos Apóstolos, as cartas gerais com a adição de Hebreus e o Apocalipse de João).<sup>35</sup>

O conceito de aliança é um dos mais centrais dentro do Antigo Testamento.<sup>36</sup> É por meio dela que Yahweh estabelece relacionamentos com indivíduos e com o seu povo particular, Israel. É notável que a própria Escritura judaica já previa o advento de uma “nova aliança”:

Eis que dias vêm, diz o SENHOR, em que farei uma *aliança*

nova<sup>37</sup> com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porque eles invalidaram a minha aliança apesar de eu os haver desposado, diz o SENHOR (Jeremias 31:31,32, ACF).

Além do uso veterotestamentário do conceito de nova aliança, essa ideia já era conhecida e foi registrada nos escritos de Cumrã (cf. CD 6.19; 8.21; 19.33-34; 20.12) como interpretação e variação da profecia de Jeremias supracitada. Além disso, a literatura apócrifa do Antigo Testamento também se refere à Bíblia Hebraica no geral como “aliança de nossos pais” (1Macabeus 2:50, cf. 1Macabeus 7:17). Posteriormente, os cristãos associaram a nova aliança que Yahweh prometeu a Jeremias com a própria pessoa e obra de Jesus Cristo, dentro do entendimento de que a Bíblia Hebraica fora toda cumprida nele.<sup>38</sup> Por fim, as próprias palavras de Jesus (repetidas também por Paulo em 1Coríntios 11:25) em sua refeição derradeira, relacionam seu ministério com o oráculo de Jeremias: “Da mesma forma, depois da ceia, tomou o cálice, dizendo: ‘Este cálice é a nova aliança no meu sangue, derramado em favor de vocês’” (Lucas 22:20).

Hebreus, uma defesa cabal da superioridade de Cristo sobre a “antiga aliança”, também se refere à “nova aliança” nesses termos: “E, por isso, é Mediador de um novo testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna” (Hebreus 9:15, ARC). Também, o autor de Hebreus interpreta a “nova aliança” como “melhor aliança”: “De tanto melhor aliança Jesus foi feito fiador” (Hebreus 7:22, ACF); “Mas agora alcançou ele ministério tanto mais excelente, quanto é mediador de uma melhor aliança que está confirmada em melhores promessas” (Hebreus 8:6, ACF).

O Novo Testamento, que seria posteriormente acrescentado à Bíblia Hebraica, foi produzido pelos primeiros cristãos a partir de escritos de alguns apóstolos e de pessoas diretamente relacionadas a eles. Aliás, a própria denominação *Antigo Testamento* só existe por causa do *Novo Testamento*. Pelos registros que temos da tradição

antiga da Igreja, é provável que o primeiro a usar a denominação “antiga aliança” tenha sido Melito de Sardes (?-180), por volta de 170.<sup>39</sup> De acordo com o testemunho de Eusébio de Cesareia, Melito de Sardes teve contato e aprendeu na Palestina o número e a ordem dos livros da Antiga Aliança,<sup>40</sup> mas não chamou a Bíblia Hebraica como tal.<sup>41</sup> Irineu de Lião (130-202) também fez uso frequente das expressões “antiga aliança” e “nova aliança”, sem ter nomeado oficialmente a Bíblia Hebraica e seu completo cristão dessa forma.<sup>42</sup> É provável que o primeiro a usar a palavra *testamento* para se referir ao Antigo e ao Novo Testamento tenha sido Tertuliano, já no começo do século II: “Se eu não esclarecer esse ponto com perguntas feitas pelas antigas escrituras (*scripturae veteris*), retirarei do novo testamento (*novum testamentum*) a confirmação de nossa interpretação”.<sup>43</sup> A palavra “testamento” vem do latim *testamentum*, que significa “aliança” ( בְּרִית, *ḥiyt*; em grego, διαθήκη, *diathēkē*).

Um pouco mais tarde, Orígenes de Alexandria (184-253) deixou registrado em grego mais um testemunho da dupla divisão testamental da Bíblia cristã: “As divinas escrituras do assim chamado Antigo Testamento e do chamado Novo”.<sup>44</sup> Ele acrescenta também em seu *Comentário de João* o seguinte: “A harmonia dos ensinamentos que são comuns a ambos os assim chamados Antigo e Novo Testamento”.<sup>45</sup> A junção do termo *Antigo Testamento*, da primeira citação, a *Novo Testamento*, da segunda, indica seguramente que, já na época de Orígenes, essas denominações eram comumente usadas pelos cristãos para separar as Escrituras judaicas do acréscimo escriturístico apostólico cristão.

Assim, podemos concluir que somente dentro da interpretação cristã acerca da excelência do ministério de Cristo sobre a aliança anterior, o Antigo Testamento, é que podemos estabelecer a presença de um Novo Testamento. Vale ressaltar, porém, que os cristãos não têm o Novo Testamento como seu único cânon sagrado. Ambos, Antigo e Novo Testamentos, são reconhecidos como Palavra de Deus e Escritura inspirada.

## **DIVISÃO ARTIFICIAL DA BÍBLIA**



Nem sempre tivemos dentro do texto bíblico divisões de capítulos e versículos ou versos, no caso de livros poéticos. Na verdade, os textos foram originalmente escritos em hebraico, aramaico e grego quase sem as marcas de divisão às quais estamos tão acostumados hoje. O texto foi escrito de forma corrente, sem espaçamento, e quase sem marcação diacrítica.<sup>46</sup>

A divisão moderna do texto bíblico em capítulos remonta à Idade Média com Stephen Langton (1150-1228), arcebispo da Cantuária, que empreendeu as primeiras divisões sobre a Vulgata Latina. Posteriormente, o método de Langton foi aprimorado pelo Cardeal Hugo de Saint-Cher (1220-1263). A partir desse processo, a divisão em capítulos foi sendo gradualmente assimilada e adotada, permanecendo nas Bíblias traduzidas já no contexto da Reforma Protestante do século XVI.

A divisão dos capítulos em versos ou versículos partiu das mãos de um rabino judeu chamado Isaac Nathan ben Kalonymus (1450-?), cerca de duzentos anos depois de Langton. Em 1440, ele dividiu e numerou os versículos da Bíblia Hebraica para a elaboração de uma concordância. Entretanto, o sistema que adotamos hoje foi desenvolvido em meados do século XVI por Robert Stephanus Estienne (1503-1559), que dividiu o texto da Vulgata (incluindo os apócrifos) em versículos em 1555.<sup>47</sup> É importante ressaltar que a divisão do texto bíblico em capítulos e em versos ou versículos, na maioria das vezes, é coerente ao conteúdo e às segmentações temáticas do próprio texto. Entretanto, nem sempre essa divisão foi aplicada de forma perfeita. Por exemplo, 1Coríntios 11:1, embora seja o início de um novo capítulo de acordo com a divisão moderna, é, de fato, a conclusão e o último versículo do capítulo 10.

A grande vantagem de usarmos o sistema de divisões do texto empreendido dentro de um período de quase 700 anos é a facilidade da localização de qualquer porção das Sagradas Escrituras. Com essa divisão, ficou fácil achar na Bíblia, por exemplo, o salmo que começa com a seguinte frase: “O SENHOR é meu pastor”, ou seja, Salmos 23:1 (Salmos 22:1, LXX).

## **A BÍBLIA COMO UMA HISTÓRIA**

Muitos têm considerado a Bíblia apenas como um livro de regras ou de normas legais de uma determinada religião. Outros encaram o texto bíblico como fonte de respostas para todas as questões da existência humana, inclusive aquelas que fazem parte do nosso mundo e não do mundo de milênios atrás, quando esse texto foi inspirado e escrito. Podemos, sim, ter passado a vida inteira lendo a Bíblia sem ter entendido que as Sagradas Escrituras narram uma história linear e coesa.

A Bíblia é, com certeza, um livro. Entretanto, não é um livro qualquer. Ela narra fatos relacionados não apenas à dimensão espiritual da existência, mas sobretudo como um Deus, que é espírito, relaciona-se com pessoas inseridas em contextos reais. Nesse sentido, a Bíblia lida com fatos e dados, com uma história muito mais real e palpável do que qualquer um de nós consegue imaginar. Nas palavras de Michael Gorman,

A Bíblia simplesmente não “caiu do céu”, nem foi escrita numa linguagem especial com uma forma única de literatura por uma estranha classe de seres humanos não afetados por seu contexto social e histórico. Não, a Bíblia foi escrita por pessoas reais, vivendo em contextos específicos da história, para tratar do indivíduo em particular e das necessidades da comunidade.<sup>48</sup>

A Bíblia é um livro formado por vários outros, cujo primeiro é Gênesis e o último, Apocalipse.<sup>49</sup> Encontramos peças de diferentes gêneros, estilos e extensões. Entretanto, a Bíblia nos conta uma e única grande história. Em inglês, chamamos essa grande história de *big picture*, ou seja, o grande quadro da história de Deus com a humanidade.<sup>50</sup> Parafraseando João Calvino, é como se estivéssemos em uma grande peça de teatro, atuando no palco de Deus. Cada parte da história consiste em atos separados que, juntos, formam uma narrativa completa e lógica.<sup>51</sup> Essa palavra de Deus, conforme Bartholomew e Goheen, “Nos fornece a história básica de que precisamos a fim de entender o nosso mundo e viver nele como povo de Deus”.<sup>52</sup>

Podemos considerar que a Bíblia narra o *verdadeiro mito* (*μυθός*, *mythos*). Esta palavra vem revestida de suspeita, porque fomos

ensinados que “mito” está necessariamente ligado a uma história fictícia, a um conto de fadas. Entretanto, o sentido original do termo “mito”, dentro do contexto clássico, está relacionado a uma história, uma narrativa que mescla pontos histórico-factuais, simbologias e imagética com a finalidade de explicar os fatores mais profundos e, muitas vezes, misteriosos e transcendentais da existência humana e do cosmos.<sup>53</sup> Nesse sentido, a narrativa bíblica é o mito verdadeiro que explica e nos situa dentro do propósito daquele que criou todas as coisas para um determinado fim. Como o grande redator do mito verdadeiro é Deus, por definição, aceitamos que a transcendentalidade e, por conseguinte, nossa incapacidade de compreender todos os aspectos dessa história estão *na conta* ao lermos e tomarmos essa história básica como a nossa própria.

Entretanto, a história bíblica não é uma colcha de retalhos de história dos deuses e semideuses, heróis e humanos, que, dentro de uma teia caótica de relações, vão construindo narrativas paralelas e conflituosas entre si. A Bíblia constitui-se como uma só história que, a despeito da sua heterogeneidade quanto à sua forma, apresenta-se coesa quanto à sua mensagem. De acordo com Richard Bauckham, quando lemos a Bíblia, precisamos entender que as Escrituras são uma pluralidade de narrativas que, juntas, constituem uma única e coerente história.<sup>54</sup> Ao abrirmos a Bíblia e nos depararmos com a declaração “No princípio Deus criou os céus e a terra” (Gênesis 1:1) e percorrermos todas as páginas até onde está escrito “Então vi um novo céu e uma nova terra” (Apocalipse 21:1), temos a exata noção de que tudo o que está entre esses dois extremos alinha-se de forma coesa, coerente e lógica. Céus e terra conformam o *locus* da santa História. O que acontece no meio até o final é o *drama das Escrituras*, o enredo que tem o Deus Trino como seu ator principal e a humanidade como coadjuvante. A forma pela qual nós devemos ler esse grande enredo salvífico e divino é localizando-nos dentro desse drama que começa com o ato da criação, desenvolve-se por meio da Queda, do evento-Cristo e, por fim, da redenção final.

Wright afirma que o estudo do Novo Testamento envolve três disciplinas em particular: literatura, história e teologia.<sup>55</sup> Arrisco-

me a expandir essa tríade para toda a Bíblia Sagrada. O aspecto literário envolve a forma e a história da transmissão. A teologia é o resultado final, fruto do labor exegético e interpretativo sobre o texto. O aspecto da história se resume a como a revelação de Deus se acomodou à nossa forma de melhor entender o Criador e seus propósitos, ou seja, por meio da história, ou melhor, do enredo salvífico que nos é narrado de Gênesis a Apocalipse.

## A Bíblia é a Palavra de Deus

Voltemos à pergunta central deste capítulo: *o que é a Bíblia?* A Bíblia é um livro formado de vários outros, escritos em um intervalo de mais de quase dois mil anos, envolvendo mais de 40 autores. Um livro que apresenta uma única história, a saber, a história de Deus e seu relacionamento redentivo com a humanidade. Para além da forma de livro que a Bíblia tenha, cremos como cristãos que ela é a Palavra de Deus e, de acordo com Bavinck: “A Bíblia é a palavra de Deus em linguagem humana”.<sup>56</sup>

Sim, a Bíblia é a Palavra de Deus escrita de forma acessível para que todo o povo de Deus possa obedecer fielmente à sua vontade. É o livro em que toda a revelação que Deus fez sobre si, revelação suficiente para a salvação do seu povo, foi registrada. A Bíblia não é um livro de mistérios insondáveis à mente humana, mas um livro cuja mensagem é inteligível. Sem dúvidas, temos muitos pontos que não são de fácil entendimento. Também é verdade que temos problemáticas dentro do texto bíblico sobre as quais nós provavelmente nunca teremos respostas conclusivas e finais, mesmo aplicando a máxima hermenêutica *scripture interprets scripture*.<sup>57</sup> Mas em linhas gerais, tudo que é essencial para que o ser humano conheça a Deus e seja levado de volta à sua presença por meio da aliança redentiva está escrito de forma clara, limpa e transparente.

A Bíblia é uma diversidade de escritos pertencentes aos mais variados gêneros literários que apresentam, tal qual um teatro, uma única e coerente história. Conforme Bartholomew e Goheen, “A Bíblia certamente é uma única história que se desenrola”.<sup>58</sup> Mas a história de quem? Uma história que envolve quais personagens?

Uma história que acontece em que ambiente? Em que tempo? Essas são as perguntas básicas que tentaremos responder ao longo desta obra. O objetivo deste livro, por fim, não será a apresentação de um panorama bíblico, no sentido de explicar as características básicas de cada um dos 66 livros (autor, data de composição ou redação, mensagem principal, pontos teológicos relevantes etc.), mas conhecer a fundo a história completa da obra que nos conta a história de Deus com o ser humano.

---

3 PACKER, J. I. *Knowing God*. Downers Grove: IVP, 1993, p. 109.

4 A diagramação foi baseada no Texto Massorético e tem como finalidade mostrar que a ausência do fator comunicativo (ou seja, falar e emitir som) abre e fecha, respectivamente, a caracterização feita em relação aos ídolos. Infere-se que Yahweh possua o exato oposto das características atribuídas aos falsos deuses: a comunicação.

5 BEALE, G. K. *We Become What We Worship: A Biblical Theology of Idolatry*. Downers Grove: IVP, 2008, p. 142-143.

6 ROBERTSON, O. Palmer. *O Cristo dos Pactos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 15. Ênfase nossa.

7 BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada: Prolegômena*. Vol. 1. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 404.

8 Disponível em <[www.guinnessworldrecords.com/world-records/best-selling-book-of-non-fiction](http://www.guinnessworldrecords.com/world-records/best-selling-book-of-non-fiction)>. Acesso em 18 de fevereiro de 2020.

9 Dentro de alguns círculos acadêmicos, os estudiosos preferem usar “Bíblia” (e não Bíblia Sagrada) por soar religiosamente mais neutro do que “Escritura”. Ver ZILONKA, Paul P. e GORMAN, Michael J. “The Bible: A Book, a Library, a Story, an Invitation” em GORMAN, Michael J. (ed.). *Scripture and its interpretation: a global, ecumenical introduction to the Bible*. Grand Rapids: Baker Academic, 2017, p. 3.

10 Ver LSJ, s.v. “βιβλίον”, II.

11 Cf. estatística apresentada em AccordanceBible.

12 No singular ou no plural, αἱ γραφαί (*hai graphai*).

13 CHAPMAN, Stephen B. “Collections, Canons and Communities” em CHAPMAN, Stephen B. e SWEENER, Marvin A. (eds.). *The Cambridge Companion to the Hebrew Bible/Old Testament*. Cambridge: CUP, 2016, p. 31.

14 MILLER, Stephen N. e HUBER, Robert V. *A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia*. Barueri: SBB, 2006, p. 12.

15 “E o Presbítero [João] costumava dizer: Marcos se tornou intérprete de Pedro e escreveu com exatidão tudo de que lembrava, mas não na ordem do que foi dito ou feito pelo Senhor. Porque ele não havia ouvido o Senhor, nem o seguido, mas apenas depois, como eu disse, seguiu Pedro, que costumava ensinar conforme a necessidade, sem fazer, como era, um arranjo dos oráculos do Senhor, de maneira que Marcos nada fez de errado em escrever dessa forma resumida, conforme as lembrava. Pois ele se atentou para uma coisa: em nada deixar de fora daquilo que ele ouvira e não fazer falsas declarações sobre elas” (CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*, 3.39, tradução nossa).

16 BAUCKHAM, Richard. *Jesus e as testemunhas oculares: os evangelhos como testemunhos oculares*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 21.

17 O islamismo ensina que o seu livro sagrado, o Alcorão, foi revelado ao profeta Maomé

- (Muhammad) durante um curto período de tempo, cerca de 23 anos. Para mais detalhes, ver GUELLOUX, Azzedine. *O Alcorão*. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- 18 MILLER, Stephen N. e HUBER, Robert V. *A Bíblia e sua história*, p. 14.
- 19 Os primeiros registros bíblicos (narrativas) e inscrições que fazem referência a eventos do Antigo Testamento foram escritos em proto-hebraico e registrados em tábuas de argila (escrita cuneiforme), placas de metal, tábuas de pedra, óstraco (fragmento de cerâmica, normalmente de um vaso quebrado) e, posteriormente, em papiro e pergaminho. Para saber mais, ver BROTZMAN, Ellis R. e TULLY, Eric J. *Old Testament Textual Criticism: A Practical Introduction*. 2ª ed. Grand Rapids: Baker Academic, 2016, p. 12-33.
- 20 METZGER, Bruce M. e EHRMAN, Bart D. *The Text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration*. 4ª ed. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 12.
- 21 *Ibidem*, p. 62-67.
- 22 WARD, Timothy. *Teologia da revelação*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 59-115.
- 23 GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática atual e exhaustiva*. Nova edição com índices. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 15. Ênfase nossa.
- 24 Nesse termo, incorporo as categorias sistemáticas apresentadas em ERICKSON, Millard. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 162-187.
- 25 ZILONKA, Paul P. e GORMAN, Michael J. “The Bible: A Book, a Library, a Story, an Invitation”, p. 8-9.
- 26 WARD, Timothy. *Teologia da revelação*, p. 55.
- 27 A sequência desses dois verbos (*wayyiqtol*) indica que o ato de “abençoar” está intrinsecamente ligado ao que Yahweh “diz” na sequência.
- 28 WARD, Timothy. *Teologia da revelação*, p. 39.
- 29 A forma verbal predominante do verbo *אָמַר* (*’amar*, falar, dizer) no uso dessa expressão é o *qal*. A primeira ocorrência dessa expressão está em Êxodo 4:22, tendo como mensageiro (profeta) Moisés ao Faraó. Essa expressão ocorre nas versões em português cerca de 400 vezes, concentrada nos livros proféticos, de acordo com a classificação canônica protestante (estatística apresentada por *Accordance Bible*).
- 30 GOSWELL, George. “The Two Testaments as Covenant Documents”. *JETS* 62 [2019]: 677.
- 31 Uma pequena fração do Antigo Testamento foi escrita em aramaico, cerca de 250 versículos (usos incontestáveis em Gn 31:47; Jr 10:11; Dn 2:4b—7:28 e Ed 4:8—6:18; 7:12-26; usos contestáveis em Gn 15:1; Nm 23:10; Jó 36:2a; Sl 2:12).
- 32 Para mais detalhes, ver HARL, Marguerite; DORIVAL, Gilles e MUNNICH, Olivier. *A Bíblia grega dos Setenta: do judaísmo helenístico ao cristianismo antigo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007; de forma resumida, em SOARES, Esequias. *Septuaginta: Guia histórico e literário*. São Paulo: Hagnos, 2009; e o clássico JOBES, Karen H. e SILVA, Moisés. *Invitation to the Septuagint*. Grand Rapids: Baker Academic, 2000.
- 33 ZILONKA, Paul P. e GORMAN, Michael J. “The Bible: A Book, a Library, a Story, an Invitation”, p. 10. Para uma análise detalhada do uso de textos do Antigo Testamento, mais especificamente da Septuaginta, no Novo Testamento, ver BEALE, G. K. e CARSON, D. A. *Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- 34 Ver BEASLEY-MURRAY, George R. *John*. WBC 36; Accordance electronic ed. Grand Rapids: Zondervan, 1987, p. 10.
- 35 WRIGHT, N. T. e BIRD, Michael. *The New Testament in Its World*. Grand Rapids: Zondervan, 2019, p. 702. Uma divisão alternativa é: 1) Evangelhos; 2) Histórico (Atos dos Apóstolos); 3) Cartas Paulinas; 4) Cartas Gerais + Hebreus; 4) Apocalíptico, também chamado de Profético (Apocalipse de João).
- 36 BARTHOLOMEW, Craig G. e GOHEEN, Michael W. *O drama das Escrituras: encontrando o nosso lugar na história bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 30.

- 37 Hebraico: ברית חדשה, *b'erit ḥādāšā*, (TM); grego: διαθήκη καινή, *diathēkē kainē* (LXX).
- 38 CHAPMAN, Stephen B. "Collections, Canons and Communities", p. 28.
- 39 CESAREIA, Eusébio de. *História Eclesiástica*, 4.26.13-14.
- 40 A denominação "Palestina" é usada de forma intercambiável a Canaã, englobando tanto a Transjordânia como a Cisjordânia. Ver LASOR, William S.; HUBBARD, David A. e BUSH, Frederic W. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 675-684; e PRICE, Randall e HOUSE, H. Wayne. *Manual de arqueologia bíblica Thomas Nelson*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 18-19.
- 41 Ibidem.
- 42 LIÃO, Irineu de. *Contra Heresias*, 3.17.2; 4.32.2; 4.33.14.
- 43 TERTULIANO. *Tratado contra Práxeas*, XV.
- 44 ALEXANDRIA, Orígenes de. *Os princípios*, 4.1.1.
- 45 Idem. *Comentário de João*, 5.8.
- 46 Isso se deve, entre outras coisas, ao elevado preço dos materiais de escrita como tinta e papel (papiro ou pergaminho). Assim, cada espaço salvo dentro do texto era, literalmente, um ganho financeiro.
- 47 ZILONKA, Paul P. e GORMAN, Michael J. "The Bible: A Book, a Library, a Story, an Invitation", p. 17.
- 48 GORMAN, Michael J. *Introdução à exegese bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 89.
- 49 LONGMAN III, Tremper. *How to Read Genesis*. Downers Grove: IVP, 2005, p. 15.
- 50 Uma ótima iniciativa de explorar a relação do *grande quadro* da obra de Deus na Bíblia com a nossa vida cotidiana é o curso on-line "Reframe", oferecido pelo Regent College (Vancouver, Canadá).
- 51 BARTHOLOMEW, Craig G. e GOHEEN, Michael W. *O drama das Escrituras*, p. 33.
- 52 Ibidem, p. 27.
- 53 REINKE, André. *Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 28-30.
- 54 BAUCKHAM, Richard. "Reading Scripture as a Coherent Story" em BAUCKHAM, Richard. *The Bible in the Contemporary World: Hermeneutical Ventures*. Grand Rapids: Eerdmans, 2015, p. 6.
- 55 WRIGHT, N. T. *The New Testament and the People of God*. Minneapolis: Fortress Press, 1992, p. 31.
- 56 BAVINCK, Herman. *Reformed Dogmatics*, p. 389.
- 57 *A Escritura interpreta a Escritura*. De acordo com a *Confissão de fé de Westminster*, "A regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura (sentido que não é múltiplo, mas único), esse texto pode ser estudado e compreendido por outros textos que falem mais claramente" (*Símbolos de Fé de Westminster: Confissão de Fé, Catecismo Maior e Breve Catecismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, 1.IX, p. 26).
- 58 BARTHOLOMEW, Craig G. e GOHEEN, Michael W. *O drama das Escrituras*, p. 33.

*image  
not  
available*



## 2. OS CÂNONES DO ANTIGO E NOVO TESTAMENTOS

E a todos quantos andarem  
conforme esta regra [κανόνι,  
canoni], paz e misericórdia sobre  
eles e sobre o Israel de Deus.

**Gálatas 6:16, ARC**

**U**ma das dúvidas mais comuns ao nos ocuparmos da Bíblia Sagrada relaciona-se com a sua autoridade.<sup>59</sup> Como saber, afinal, se o que temos em mãos é um texto divinamente inspirado? Poderia esse livro tão antigo, que passa por um processo de transmissão que dura até os dias de hoje, ter lacunas e falhas que o desqualificam como *escritura* autoritativa? O questionamento não ocorre por haver algum tipo de dúvida na questão da inspiração verbal-plenária (o fato de o texto ser inspirado quando ao conteúdo e quanto à forma).<sup>60</sup> O problema se configura a partir do momento em que essa revelação é registrada e transmitida. A dúvida central, então, está relacionada à credibilidade dos documentos que compõem a Bíblia, tal qual a temos hoje.

Neste capítulo, abordaremos apenas o aspecto introdutório da questão dos cânones de ambos os Testamentos. Responderemos à simples questão: como os judeus e os cristãos reconheceram que os livros que temos hoje em nossa Bíblia são textos divinamente inspirados e revestidos de autoridade (autoritativos). A lista reconhecendo os documentos bíblicos considerados autoritativos é chamada de *cânon*. O cânon bíblico é um assunto extenso e complexo, e cada tradição cristã tem sua maneira de interpretar o processo de canonização dos livros. Não é à toa que a lista canônica difere sensivelmente em relação às diversas tradições do cristianismo (católicos romanos, ortodoxos, protestantes etc.). Quando falamos do cânon do Antigo e do Novo Testamentos estamos lidando com um tema que é peculiar ao judaísmo e ao cristianismo, pois ambas as religiões têm como Escritura Sagrada o

*image  
not  
available*

e de orientações quanto aos aspectos essenciais da fé cristã dentro das igrejas, o fato de terem concordado quanto a quais livros pertenciam ao Novo Testamento serve para indicar que essa decisão final não teve origem no nível humano apenas.<sup>72</sup>

A lista de livros autoritativos tanto do judaísmo como do cristianismo foi sendo formada ao longo de séculos, tendo como base a aceitação dessa literatura dentro das comunidades espalhadas no mundo, particularmente no mediterrâneo. De acordo com Achtemeier, Green e Thompson, “A formação do cânon foi resultado da atuação de forças já presentes na comunidade cristã primitiva, que tornavam a criação de uma forma qualquer de cânon uma tarefa praticamente inevitável”.<sup>73</sup>

## FORMAÇÃO DO CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

O processo de formação do cânon veterotestamentário é relativamente mais “simples” do que o do Novo Testamento. De acordo com Philip Davies,

O cânon escriturístico judaico não é uma cuidadosa seleção da literatura hebraica antiga, mas representa, mais ou menos, tudo o que havia. Assim, esta se tornou o cânon religioso não por exclusão de obras inapropriadas, mas, quando necessário, por emenda. [...] O cânon escriturístico judaico representa, até onde podemos saber, e à luz do corpo de textos de Cumrã, quase a totalidade da literatura hebraica clássica.<sup>74</sup>

Não é possível encontrar evidências internas ou pistas que nos indiquem a existência de um trabalho para a criação de um cânon da Bíblia Hebraica. Não seria exagero dizer que os autores bíblicos não tinham essa preocupação em mente. Os antigos judeus e israelitas não carregavam a Bíblia Hebraica debaixo do braço. Entretanto, tais documentos sempre foram considerados *Escritura*. Nesse sentido, de acordo com Chapman, havia uma *consciência canônica* que guiava o uso dos documentos veterotestamentários na vida religiosa de Israel (cf. Deuteronômio 34:10-12; Juízes 1:7-80).<sup>75</sup> Assim, a formação da lista canônica do Antigo Testamento foi fruto

*image  
not  
available*

no que tange ao número dos livros que compõe a Bíblia Hebraica, ele simplesmente estivesse registrando aquilo que era senso comum. Por fim, Josefo também atesta a divisão tripartite da Bíblia (Lei, Profetas e Escritos). Essa divisão também é acompanhada por Fílo de Alexandria (ca. 20 a.C.-50 d.C.), filósofo judeu-helenista.<sup>85</sup>

O número de 22 pode ser explicado pelo fato de que, em algumas tradições textuais, os livros de Esdras, Neemias e Ester eram registrados juntos, ou Rute como parte de Juízes e Lamentações como parte de Jeremias.<sup>86</sup> Alguns pensadores cristãos, como Jerônimo, doutor da Igreja (347-420),<sup>87</sup> tradutor da Vulgata Latina, tendo sido treinado por alguns rabinos, também defendeu o número de 22 livros dentro do cânon hebraico.<sup>88</sup> Porém, deixou registrado em seu prefácio à Vulgata uma segunda tradição judaica de contagem dos livros da Bíblia Hebraica, segundo a qual Rute é separado de Juízes e Lamentações é separado do livro do profeta Jeremias. Então, em suma, a variação dos números 22 e 24 é explicada quanto ao arranjo dos livros, e não propriamente quanto ao seu conteúdo.

A concluir, Provan organiza a divisão tripartite considerando todos os 22 (ou 24) livros da Bíblia Hebraica da seguinte maneira:

Nós podemos então preencher as categorias que vêm na sequência dos “cinco livros de Moisés” da seguinte forma: seus “treze” livros proféticos que registram “os eventos de seus próprios tempos” são formados por Josué, Juízes-Rute, Samuel, Reis, Crônicas, Esdras-Neemias, Ester, Isaías, Jeremias-Lamentações, Ezequiel, Daniel, os Profetas Menores e Jó. Seus “quatro” livros de “hinos a Deus e preceitos para a vida humana” seriam então Salmos, Provérbios, Cântico dos Cânticos e Eclesiastes.<sup>89</sup>

A partir da contagem dos livros da Bíblia Hebraica, podemos chegar a uma divisão tripartite, como vimos, na sequência do capítulo 1, que a Bíblia Hebraica tem sido dividida tradicionalmente em três partes, a saber: a Lei, os Profetas e os Escritos. Essa divisão é atestada em escritos anteriores ao Novo Testamento, como o apócrifo *Eclesiástico*, escrito entre 190-124 a.C., pelo neto de Jesus ben Siraque, e traduzido para o grego por volta

*image  
not  
available*

seria provado pela sua presença nos grandes manuscritos unciais,<sup>100</sup> que continham a Septuaginta e o texto grego do Novo Testamento. Esses documentos a mais dentro do hipotético cânon grego são justamente os livros apócrifos do Antigo Testamento, escritos todos eles em grego. Entretanto, como salienta Provan, nunca se evidenciou de forma cabal a existência desse cânon, uma vez que os unciais em questão são mais recentes do que qualquer livro da Bíblia Hebraica, datados do século IV da Era Cristã em diante. Ademais, não há evidência textual de que os judeus helenizados e residentes em grandes centros como Alexandria consideravam essa literatura autoritativa.<sup>101</sup> É bem provável que esses códices produzidos dentro do contexto cristão, e não judaico, refletiam os próprios hábitos de leitura dos cristãos primitivos que consideravam os apócrifos literatura eclesiástica ou de edificação pessoal (e não pública).

Os livros apócrifos foram escritos por judeus que habitavam tanto a própria terra de Israel (Palestina) como por aqueles espalhados pela diáspora: Antioquia (Síria), Alexandria (Egito) e talvez na Pérsia. Essa literatura é prova da riqueza cultural desse povo e destaca que a interpretação dos livros canônicos do Antigo Testamento não era padronizada, e sim flexível ao ponto de deixar os leitores de hoje atônitos! Alguns originais foram possivelmente escritos em hebraico ou aramaico, mas a maioria foi escrita em grego *koinē*.<sup>102</sup>

Escritos em um determinado período histórico, particularmente para os judeus no pós-exílio, de grande agitação política (queda do Império Medo-Persa e ascensão do Império Grego-Macedônico) e efervescência cultural sem precedente (helenismo), esses livros, de acordo com deSilva, “Testemunham sobre o que significava permanecer fiel ao Deus de Israel durante períodos tumultuosos da História”.<sup>103</sup> Em um mundo onde a influência grega estava corroendo as bases da fé e da própria nacionalidade dos judeus, os apócrifos revelam como os judeus responderam aos desafios impostos pelo seu tempo no sentido de se manterem fiéis à Torá e sua tradição.

O que definiu quais eram os livros inspirados e quais não eram foi o longo processo de formação do cânon do Antigo Testamento.

*image  
not  
available*



agostiniano), o cânon defendido inicialmente por Jerônimo<sup>112</sup> era preferível ao próprio cânon de Agostinho.<sup>113, 114</sup> Jerônimo defendia um cânon do Antigo Testamento que continha apenas os livros da Bíblia Hebraica (24 na contagem da *Tanakh* e 39 na contagem da Bíblia da tradição protestante).

Em terceiro lugar, temos a *ênfase nos estudos linguísticos da língua hebraica*. A preferência dos reformadores ao texto hebraico em detrimento da versão grega (Septuaginta) ou da versão latina (Vulgata) possibilitou a aproximação da tradição protestante à tradição rabínica com relação ao cânon do Antigo Testamento. Segundo essa tradição, os escritos canônicos eram assim considerados apenas dentro do intervalo entre a época de Moisés e a do rei persa Artaxerxes I (contemporâneo a Esdras). Soma-se a esse fato a declaração de Flávio Josefo de que não havia uma sucessão confiável dos profetas a partir de então.

Em quarto lugar, temos as *evidências do Novo Testamento*. Os apócrifos não poderiam ter o *status* de canonicidade por não serem citados nenhuma vez por Jesus ou pelos apóstolos. Daí conclui-se que o cânon hebraico seria o mesmo cânon da época de Jesus.

Por fim, temos o princípio da *autoatestação*. Baseado nessa premissa, os livros apócrifos deveriam ser excluídos do cânon do Antigo Testamento, uma vez que tais obras não teriam a atestação, ou seja, o apoio teológico de nenhum outro livro canônico.

de nada omitir do que ouvira, nem impingir algo de falso.” É isto o que Papias narra acerca de Marcos. A respeito de Mateus assevera o seguinte: “Mateus escreveu os oráculos divinos na língua hebraica; cada qual os interpretou como pôde”.<sup>126</sup>

Dois Evangelhos são identificados: Marcos e Mateus. Quanto ao escrito de Marcos, é atribuído ao “intérprete de Pedro”, e quanto ao de Mateus, é dito que fora escrito originalmente em “hebraico”,<sup>127</sup> língua materna de Jesus e dos apóstolos.<sup>128</sup>

Por fim, Irineu de Lião, em sua obra *Contra as Heresias*, citado por Eusébio de Cesareia, detalha mais a relação dos Evangelhos com os seus autores:

E em primeiro lugar as pertencentes aos santos evangelhos. São as seguintes:

“Mateus, no entanto, publicou entre os hebreus e em sua própria língua um Evangelho escrito, enquanto Pedro e Paulo anunciavam a boa nova em Roma e lançavam os fundamentos da Igreja. Mas, após a morte deles, Marcos, discípulo e intérprete de Pedro, transmitiu-nos por escrito igualmente o que Pedro pregara. Lucas, porém, companheiro de Paulo, deixou num livro o Evangelho pregado por este último. Enfim, João, o discípulo que reclinou sobre o peito do Senhor (João 13:25, 21:20), publicou também ele um evangelho, enquanto residia em Éfeso, na Ásia”.<sup>129</sup>

Além de fixar em quatro o número dos Evangelhos, Irineu foi o primeiro a estabelecer um padrão para o reconhecimento dos livros canônicos: os livros de maior valor são os que têm ligação com os apóstolos.<sup>130</sup>

As evidências apresentadas por Justino, Papias e Irineu são alvo de intenso debate dentro dos círculos acadêmicos. Entretanto, para fins do nosso estudo, podemos concluir que os Evangelhos (múltiplos e identificados direta e indiretamente a figuras apostólicas) eram largamente copiados e transmitidos entre as comunidades cristãs do mundo mediterrâneo a partir do século I da Era Cristã.

*image  
not  
available*

Alexandria compilou. Há textos acrescentados que eram razão de disputa, segundo o próprio Orígenes (Hebreus, Tiago, 2Pedro, 2 e 3João, Judas, Pastor de Hermas, Epístola de Barnabé, Didaquê e Evangelho aos Hebreus).

Eusébio de Cesareia traz detalhes importantes e pormenorizados da forma com que os livros do Novo Testamento eram classificados. Nesse sentido, a citação em extenso pode ser útil:

As divinas Escrituras reconhecidas e as que não o são.

A esta altura, parece-nos oportuno recapitular os escritos do Novo Testamento a que nos referimos. Sem dúvida, importa pôr em primeiro lugar o sagrado quaternário dos Evangelhos, seguido do livro dos Atos dos Apóstolos.

Em seguida, sejam mencionadas as Cartas de Paulo, na continuação das quais seja sancionada a primeira atribuída a João e igualmente a primeira carta de Pedro. No prosseguimento destas obras, colocar-se-á, se conveniente, o Apocalipse de João, a respeito do qual explanaremos alguns pareceres, quando oportuno.

Tais são os livros recebidos. Entre os contestados, mas apesar disso recebidos pela maioria, existe a carta atribuída a Tiago, a de Judas, a segunda carta de Pedro e as cartas enumeradas como segunda e terceira de João, quer sejam do evangelista ou de outro, com idêntico nome.<sup>139</sup>

Em suma, Eusébio segrega os livros do Novo Testamento em dois grupos: os chamados livros reconhecidos (*ὁμολογουμένα*, *homologoumena*) e os livros contestados ou em disputa (*ἀντιλεγόμενα*, *antilegomena*)<sup>140</sup>. A lista de Eusébio parece ter sido criada com base na lista feita por Orígenes entre 220-230.<sup>141</sup>